

O diálogo entre a comunidade evangélico-luterana e a comunidade judaica

Teses provisórias

Renatus Porath*

Resumo: Para que aconteça o diálogo entre a comunidade cristã, mais especificamente, entre a comunidade evangélico-luterana e a comunidade judaica, é necessário que nos demos conta que estamos sentando à mesa com interlocutores que vêm de uma longa história de dor e sofrimento. E mais ainda, somos co-responsáveis por essa história que marcou profundamente o destino dessa comunidade. A partir desta consciência podemos, como comunidade evangélico-luterana, ouvir a comunidade que está diante de nós, aprender uma da outra quanto temos em comum na nossa linguagem de fé e ensaiar um diálogo a partir do testemunho do que cremos e percebemos de maneira diferente.

Resumen: Para que ocurra el diálogo entre la comunidad cristiana, más específicamente entre la comunidad evangélico-luterana y la comunidad judaica, es necesario percatarnos de que estamos sentados a la mesa con interlocutores que vienen de una larga historia de dolor y sufrimiento. Además, somos co-responsables por esa historia que marcó profundamente el destino de esta comunidad. Partiendo de esta consciencia podemos, como comunidad evangélico-luterana, escuchar a la comunidad que está al frente de nosotros, aprender una de la otra cuanto tenemos en común en nuestro lenguaje de fe, así como ensayar un diálogo a partir del testimonio de lo que creemos y percibimos diferente.

Abstract: For the dialogue between the Christian community – specifically, the Lutheran community – and the Jewish community to occur, it is necessary that we realize that we are sitting at a table with partners who have a long history of pain and suffering. Furthermore, we are co-responsible for that history, which deeply marked the Jewish community. On the basis of this awareness the Lutheran community can listen to the Jewish community and we can learn from each other how much we have in common in our faith language as well as to enter into a dialogue on the basis of the witness to what we believe and perceive differently.

* Professor de Antigo Testamento na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS. E-mail: renatus@est.com.br

1. A comunidade cristã deverá ter como pressuposto para esse diálogo uma postura de confissão de culpa. A história da Igreja documenta, desde os primórdios, a convivência de cristãos e cristãs quando a comunidade judaica foi vítima de perseguições, de acusações infundadas, de expulsões de territórios e de países, especialmente na Europa central, da Península Ibérica (Espanha e Portugal) e do leste europeu, sem falar dos massacres de um 1/3 da população judaica mundial que até hoje aviltam a dignidade humana em todos os tempos e lugares. Portanto, apenas quando conscientes de nossa co-responsabilidade nessa história de sofrimento do povo judeu, que marca sua existência no Ocidente “cristão”, nós, comunidade cristã evangélico-luterana, podemos sentar à mesa para ouvir a outra comunidade, aprender uma da outra e, assim, renovar as relações entre duas comunidades religiosas.

2. O triunfalismo cristão, que comprometeu a longa história das relações judaico-cristãs, não se coaduna com diálogo e testemunho e, portanto, impede o encontro verdadeiro. O triunfalismo nasce de uma consciência de superioridade e de posse da verdade e sabe que a outra parte persiste no erro, senão na mentira; só se espera, em contrapartida, desta outra parte adesão, conversão e submissão. Triunfalismo cristão é expressão de uma *theologia gloriae* e que falsifica afirmações do próprio Jesus crucificado em detrimento de uma igreja triunfante e bem estabelecida.

3. A comunidade judaica e a comunidade cristã têm mais em comum do que imaginamos. Jesus de Nazaré provém do povo judeu e não se separou dele. Portanto, sua Escritura Sagrada foi o TeNaK (= Torá+Nebiim+Ketubim), a Bíblia Hebraica, e, além disso, deve ter conhecido muitas das tradições e dos ensinamentos judaicos que hoje estão reunidos no Talmud. A comunidade cristã primitiva, inicialmente judaico-cristã, ainda freqüentava o templo de Jerusalém por um bom tempo e compartilhava com a comunidade do templo o mesmo testemunho do Deus único e de sua fidelidade à aliança. É este testemunho que atraiu tantos gentios às comunidades judaicas ao redor do Mediterrâneo. Desse grupo de gentios convertidos ao judaísmo, os prosélitos e de mulheres prosélicas (p. ex.: Lídia, At 16), nasceram as comunidades cristãs de fala grega, fruto da atuação de Paulo, um judeu que se tornou seguidor do movimento que confessava Jesus como Messias.

4. As duas comunidades perguntam por salvação e redenção e encontram respostas diferentes. Partindo da mesma matriz das Sagradas Escrituras hebraicas, a comunidade judaica tem à sua disposição o Talmud, que sempre de novo a remete à Torá para ali encontrar o Deus cheio de misericórdia, compaixão, longanimidade e fidelidade (Nm 34.6ss.). Longe de ver na Torá apenas o livro das 613 leis que se tornam um fardo pesado demais, a

Torá é testemunho do Deus que diz: “Eis que faço uma aliança” (Êx 34.10). Essa salvação, presenteada a seu povo escolhido nessa aliança com seu Deus, faz a comunidade responder com louvor e lamento (Salmos). Partindo da mesma matriz hebraica, a comunidade cristã vê a salvação e a redenção presentes em Jesus Cristo e lê a mesma Escritura Sagrada a partir deste testemunho central do Novo Testamento. Como é feita essa leitura? Seguindo a versão grega, a Septuaginta (LXX), a ênfase é colocada de maneira um pouco diferente. A LXX não termina com o hinário, os salmos, que sabem de ausência, mas sabem também de presença de Deus em meio a seu povo. A LXX, que se tornara Escritura Sagrada das recém-criadas comunidades cristãs primitivas, encerra seu cânon com os livros proféticos, priorizando, portanto, uma perspectiva de futuro da salvação. A Bíblia grega, ao remanejar a literatura profética para o fim do cânon, por assim dizer, deixa uma porta aberta para a dimensão do cumprimento da profecia. O movimento do nazareno, que anuncia tanto sinais da presença do reino de Deus quanto a manifestação de um futuro iminente desse reino, encontrou na proclamação profética hebraica a base de sustentação para a nova fé. A chave de leitura cristã das Escrituras Sagradas hebraicas torna-se o binômio promessa e cumprimento, chegando a criar conflitos com a comunidade judaica. Se antes prosélitos eram membros da comunidade judaica, mas ainda com alguma diferença em relação aos judeus natos, agora dá-se o inverso, as comunidades cristãs de fala grega tornam-se o espaço privilegiado para helenistas que na comunidade judaica não passariam de prosélitos.

5. O que continua a nos diferenciar da comunidade judaica é o testemunho dos apóstolos: Senhor é Jesus e Jesus é Cristo. É importante lembrar o óbvio. “*Christós*” é o equivalente grego para Messias, o governante que inaugura o tempo da salvação. Todas as vezes que nós nos denominamos de cristãos ou nos identificamos como pertencentes à comunidade cristã, estamos afirmando nosso vínculo com o Messias e declarando nossa participação nos benefícios da era messiânica, veiculada por Jesus, o Cristo. Diante das diferentes imagens de messias, conhecidos do AT e do judaísmo tardio – ora com um perfil mais nacional e político que providenciará libertação para judeus do poder opressor, destruindo seus oponentes, ora com um perfil mais universal, eliminando toda manifestação de maldade do cosmo inteiro – Jesus de Nazaré, confessado como Messias, se manifestou de forma inesperadamente diferente, a ponto de frustrar tanto a adeptos de um quanto de outro modelo de expectativa messiânica. É a experiência de que Deus está aí presente com sua salvação nesse Messias da fraqueza, da cruz, daquele que prefere morrer a matar, carregar culpa ao invés de impingi-la, viver o amor radical a dar lugar ao ódio destruidor. Essa manifestação ousada da solidari-

idade divina foi apagada na cruz, mas Deus a ressuscitou. É desta certeza que nasceu e deverá nascer sempre de novo a comunidade de Jesus Cristo. Essa comunidade nem por isso poderá deixar de ser seguidora do crucificado, pois ele inaugurou a era messiânica, o tempo da salvação que continua sob o signo da cruz na realidade histórica. A despeito de todas as contradições no seio da comunidade cristã, marcadas pela rejeição desse amor unilateral de seu Deus, a fé lança fora medo e mediocridade para nos jogar novamente nos braços daquele que tudo divide com a comunidade que o segue.

6. No entanto, a relação entre as duas comunidades ficou desigual. A comunidade cristã cresceu em número e cresceram também sua autoconsciência e auto-segurança de ser a detentora da salvação. Já no NT, no Evangelho de João, judeus tornaram-se protótipos dos incrédulos. O Jesus joanino tem os judeus indistintamente como opositores. O autor deste evangelho, escrito na última década do séc. 1, não fornece uma visão diferenciada da realidade judaica do tempo de Jesus. Sem uma leitura que pergunte pelo contexto histórico e pela motivação desse escrito neotestamentário, esse evangelho poderá alimentar uma postura de suspeita diante da comunidade judaica, ou até sustentar atitudes hostis, como a história o documenta fartamente.

7. Olhando para nossa própria tradição, o jovem Lutero acompanha os acontecimentos que resultam na expulsão dos judeus primeiro da Espanha, no ano de 1492, e sucessivamente de outros territórios europeus. Os que se refugiam em Portugal são batizados involuntariamente, e entram na história como os assim chamados cristãos novos. Em 1517, são expulsos definitivamente da Península Ibérica. Em 1523, M. Lutero redige seu escrito “Que Jesus Cristo seja um judeu nato”, o que lhe rende elogios da parte de estudiosos judeus que o visitaram em Wittenberg. Além de favorecer o estudo do hebraico na universidade, Lutero investira vários anos nos comentários dos primeiros cinco livros da Bíblia. Um rabino cabalista de Jerusalém, em 1525, declara euforicamente: “O braço de Deus o ajudou (...) aos poucos ele leva o povo de volta à Lei de Moisés.” Os professores da Sorbonne de Paris reagem criticando o reformador de estar ensinando heresias. De fato, Lutero esperava uma união entre judeus e cristãos, e, é claro, que os primeiros se voltassem à fé cristã. Como isso não aconteceu, ele assume uma posição de distanciamento. Dez anos mais tarde, Lutero se declara favorável à expulsão dos judeus do principado da Saxônia, sob a alegação de estarem praticando a usura. Podemos aprender do jovem Lutero como dialogar com a comunidade judaica; podemos ver nas declarações tardias do reformador posições que facilmente poderiam ajudar a construir uma imagem hostil em relação à comunidade tão próxima a nós.

8. Um encontro autêntico pressupõe abertura para ouvir o testemunho de fé da outra pessoa. Precisamos ouvir o testemunho da comunidade judaica sobre salvação e redenção até o fim, e não obstruir o diálogo com nossos conceitos “teológicos” e preconceitos infundados.

Só nos resta exclamar com o apóstolo Paulo: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Rm 11.33).